

Santa Mônica: um Paradigma Feminino Cristão*

Regina Maria da Cunha Bustamante

Résumé:

La construction d'un idéal féminin naît du besoin d'indiquer les paramètres régulateurs de la conduite sociale. Malgré les transformations dans la condition féminine en notre société contemporaine, les valeurs exprimées par Saint Augustin quand se réfère à Sainte Monique subsistent encore. Après l'analyse de deux oeuvres augustiniennes, Confessiones et De Ordine, nous avons appréhendé le modèle de fille, épouse, belle-fille et mère selon la perspective chrétienne, ayant comme paradigme la vie de Sainte Monique.

Introdução

Atualmente, os estudos históricos desvendam uma nova dimensão dos fatos, abrindo um campo considerável à exploração e à compreensão das ações dos homens, dos motivos que os moveram, dos fins que almejavam e da significação que para eles tinham seus comportamentos e ações. Isto porque os homens não regulam sua conduta social e seus programas veridictórios em função exclusivamente de uma situação real empírica, jogando aí um papel decisivo a imagem que esta lhe chega. Esta imagem não se identifica necessariamente com a realidade, mas está influenciada por um conjunto de representações que fornece parâmetros para o ordenamento mental do social.

O presente artigo pauta-se nesta perspectiva ao captar os ideais, valores, imagens e formas de representação feminina presentes na figura de Santa Mônica construída por seu filho, Santo Agostinho. Os conceitos e as imagens aqui expressos foram criações individuais de seu autor e experi-

* O presente artigo é uma adaptação de uma das partes da minha dissertação de mestrado "O casamento e a esposa: a visão de Agostinho de Hipona" para o Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

miram seu pensamento e sua maneira de sentir. Porém, estes não são entidades independentes em relação às ações e aos comportamentos sociais. Cada sociedade apresenta condutas específicas, formulando representações individuais e coletivas, originadas na sua própria estrutura e que a ela retornam, modificando-a ou preservando-a. A produção agostiniana configura-se, pois, como uma expressão individual e social ao mesmo tempo, sendo seu conteúdo influenciado tanto por seu universo de experiências interiores como pelas condições materiais e mentais existentes na sociedade de sua época.

O constante questionamento deste autor é uma característica de sua personalidade que qualifica seu comportamento como particularmente expressivo na construção de um ideário. Sua produção ganha valor histórico devido à notável influência que exerceu na cristandade ocidental. Muitos de seus preceitos encontram-se disseminados na sociedade contemporânea; um deles é justamente o ideal cristão de esposa, de nora e, principalmente, de mãe, personificados em Santa Mônica.

1. Mônica: esposa e nora

As únicas referências que se tem de Mônica estão em algumas passagens dos Diálogos e, em especial, no livro IX das *Confessiones* de Agostinho. Esta última obra é uma das mais conhecidas e importantes da produção agostiniana. Sua data de composição é incerta, variando as estimativas entre 395, 397 e mesmo 401. *Confessiones* possui um duplo caráter: confessar os pecados cometidos e louvar a misericórdia e a grandeza de Deus em face às misérias da alma do autor. Apesar de seguir certa seqüência temporal, a obra caracteriza-se pela variedade e pela liberdade na escolha de temas, ordenados segundo a vontade do autor. Assim sendo, apresenta-se mais como o resultado de reflexões sobre fatos da vida de Agostinho e pessoas com quem conviveu do que como um relato histórico. No decorrer da leitura, evidencia-se a presença constante e marcante de Mônica. As referências à sua vida constituíram-se numa ampla série de ensinamentos sobre os deveres da mulher cristã e forneceram igualmente elementos para a compreensão da condição feminina naquela época.

Mônica nasceu na cidade de Tagaste (atual Souk-Akras), na província da Numídia, em 331 ou 333 (*Enciclopedia Cattolica*: 1952, p. 1290-1; *The Catholic Encyclopedia*: 1913, p. 482-3; *The Catholic Encyclopedia Dictionary*: 1929, p. 645; *A Catholic Dictionary*: 1944, p. 349-350). Foi criada num ambiente cristão (*Confessiones* IX, VIII, 17), aí adquirindo certas práticas tradicionais da Igreja africana, tais como jejuns ao sábado e

refeições sobre a tumba dos mortos, consideradas como “primitivas” pelas pessoas cultas da época. Seu nome porém talvez contenha vestígios de velhas crenças familiares, pois deriva do nome de uma deusa local, Mon (BROWN: 1971, p. 33). Sobre o período de infância de Mônica, Agostinho (*Ibid.* IX, VIII, 17) relatou o papel das criadas da casa e traçou o perfil de uma antiga empregada a quem os pais de Mônica haviam confiado a formação das filhas. Por este dado, supõe-se que a família possuía algumas posses. Esta criada caracterizava-se pela severidade em punir e pela discreta prudência em instruir. Com esta rigorosa sobriedade, preparava a menina para não abusar mais tarde de seus futuros deveres de controlar a despensa e a adega como dona de casa, ocupação que constituía a opção mais provável de sua vida. Contudo, isto não impediu que Mônica adquirisse um gosto excessivo por vinho, aproveitando-se do costume de encarregar a filha de buscar o vinho para as refeições. Esta indiscrição de Agostinho humanizou um pouco a figura de sua mãe e, ao mesmo tempo, prestou-se como uma ocasião para mostrar a formação gradativa de um mau hábito na jovem e a ação da Providência Divina, que se utilizou de uma humilhação para corrigir este desvio: o sarcasmo de uma serviçal ao chamá-la de “beberrona” levou Mônica a se livrar cedo daquele vício (*Ibid.* IX, VIII, 18). A educação de Mônica, calcada na modéstia, na temperança e na completa submissão aos pais, preparava-a a ser uma esposa perfeita. Assim, com a idade núbil, contraiu matrimônio com Patrício, pequeno proprietário da ordem dos *curiales*, que, no Baixo Império, se encontravam em situação difícil por serem responsáveis pela arrecadação fiscal das suas localidades.

Agostinho apresentou-a como um modelo de esposa e de nora, pois se sujeitava plenamente ao seu marido e conseguiu construir um bom relacionamento com a sogra (*Ibid.* IX, IX). Patrício era pagão. Possuía um temperamento violento e hábitos dissolutos. Conseqüentemente, a vida conjugal de Mônica estava longe de ser feliz. A violência e as infidelidades de Patrício eram respondidas com amabilidade, paciência e sujeição por Mônica. Ela esperava que a misericórdia divina o tornasse casto quando ele se convertesse. Empenhou-se, pois, com determinação e resignação nesta tarefa. Tratava-o com deferência, não o questionando quando de suas crises de humor e esperando o momento oportuno para dar explicação da sua conduta, caso ele irrefletidamente se irritasse. Estas qualidades eram admiradas pelo marido “*a quem serviu como senhor*” (*Ibid.* IX, IX, 19). Finalmente, os seus esforços foram compensados quando Patrício se tornou cristão, o que só ocorreu um pouco antes de sua morte, em 371 (*Ibid.* IX, IX, 19 e 22). Se, por um lado, este fato coroava a paciência de

Mônica, por outro, punha em dúvida a sinceridade da conversão, na medida em que o temor da morte poderia ter contribuído para esta resolução. Após a conversão de seu marido, Agostinho revelou que ela não tivera mais nada a lamentar dele pelos *"ultrajes que antes sofria"* (*Ibid.* IX, IX, 22). Permaneceu viúva até o final de sua vida, em 387, seguindo a tradição romana de mulher *univira*, que foi assimilada pela doutrina cristã. Agostinho, baseado numa passagem bíblica (I Tim. V, 9), exemplificou o modo de viver de sua mãe: *"tinha sido esposa de um só homem, tinha cumprido seu dever para com os pais, tinha governado a casa com dedicação e dado o testemunho das boas obras"* (*Ibid.* IX, IX, 22).

Mônica não era a única mulher em Tagaste com problemas conjugais. Agostinho (*Ibid.* IX, IX, 19) referiu-se a *"muitas senhoras [que], tendo maridos muito mais benignos, traziam no rosto desfigurado os vestígios das pancadas"*. Estas matronas surpreendiam-se de que, mesmo com o caráter sabidamente violento de Patrício, Mônica não padecesse com este tipo de provação. Por isso, muitas mulheres a ela recorriam, certas da sua compreensão ao seu sofrimento e em busca de conselhos. Mônica afastava-se e repreendia aquelas que criticavam os maridos, aconselhava as outras a seguirem o seu exemplo. Às primeiras, lembrava-lhes, segundo Agostinho, *"com ar de brincadeira"* (*Ibid.* IX, IX, 19), que o contrato matrimonial *"devia ser considerado como o documento da própria submissão, não tendo elas condição de assumirem atitudes de soberba contra seus senhores"* (*Ibid.* IX, IX, 19). Contudo, a "brincadeira" diluía-se diante da realidade destes contratos que estipulavam disposições gerais válidas para todo casamento. Esta formulação de deveres recíprocos impunha como finalidade do casamento a procriação e estabelecia a sujeição da esposa ao marido. Mônica obedecia esta disposição em vista da manutenção da harmonia no lar. Era este o conselho que dirigia àquelas que a procuravam, que o pondo em prática, dirimiam seus problemas conjugais. Contrariamente, as outras *"que não o observavam, continuavam a sofrer violências"* (*Ibid.* IX, IX, 19). Para Agostinho, a submissão das esposas aos seus maridos inseria-se numa problemática mais ampla: a justificação da dominação na sociedade humana. A servidão era considerada como condição e como pena impostas ao homem pecador por quebrar a ordem divina no Paraíso. No relato bíblico, Agostinho (*De Civitate Dei* XIV, XI) sublinha que a serpente, instrumento demoníaco, aproximou-se pela parte inferior, a mulher, para chegar ao homem, visto este não ser tão crédulo, mas perceptível de ceder à tentação por amor que tinha à mulher. O motivo do mando não seria oriundo do desejo de domínio nem do orgulho de reinar, mas do dever da caridade e da bondade de ajudar, exemplificado

em diversas relações: maridos-esposas, pais-filhos, senhores-escravos e homens-mulheres (*Ibid.* XIX, XV).

A boa índole de Mônica lhe assegurou, não só um relacionamento pacífico com o marido, como também o respeito da sogra, garantindo assim a sua paz doméstica. A aspiração suprema à paz é, para Agostinho (*Ibid.* XIX, XI-XIII), o princípio metafísico de toda a sociedade humana, daí o esforço para se manter na casa a concórdia entre os que mandam e os que obedecem (*Ibid.* XIX, XIII). Mônica soube mantê-la quando intrigas de escravas criaram um ponto de conflito entre ela e a sogra. Utilizou-se da mesma tática que aplicava com Patrício, ou seja, “respeito, perseverança na paciência e na doçura” (*Confessiones* IX, IX, 20). Com isto, conseguiu ganhar sua sogra, que acabou denunciando as escravas ao filho, Patrício, para que fossem devidamente castigadas, fazendo uso de suas prerrogativas de matrona. Cioso em “restabelecer a disciplina e a concórdia e por obediência à mãe” (*Ibid.* IX, IX, 20), Patrício atendeu ao pedido materno. A sogra prometeu o mesmo tratamento a qualquer outra escrava que a intrigasse com a nora. Desta forma, nora e sogra “viveram em perfeito relacionamento de recíproca benevolência, digno de registro” (*Ibid.* IX, IX, 20). Pelo visto, esta situação, tal como nos dias atuais, não era muito comum.

A discrição e o espírito conciliador da mãe, patentes na sua atuação no círculo familiar, favoreciam-na como apaziguadora de discórdias mesmo fora de seu lar (*Ibid.* IX, IX 21). Interessante é a opinião de Brown (1971, p. 28) que vê nesta admiração por Agostinho das qualidades maternas mais uma projeção de seu próprio caráter do que o de Mônica. Assim, ao descrevê-la como uma mulher de personalidade singular, estaria expressando o seu desejo de tornar-se um bispo com o mesmo temperamento: reservado, pleno de dignidade, discreto, sempre pronto a fazer reinar a paz a sua volta, mas capaz de sarcasmos quando necessário.

2. Mônica: mãe

Mônica possuía uma outra faceta ligada intimamente à de esposa: a de mãe. A concepção agostiniana de casamento estava intrinsecamente vinculada à procriação (*De bono coniugali* XXIV, 32). Poucas mães puderam superar o esforço e a dedicação de Mônica para com seu filho. Mônica teve três filhos: Agostinho (o mais velho), Navígio e Perpétua (filha caçula). Agostinho referiu-se a Navígio nos Diálogos, pois ele participou da experiência comunitária em Cassiciaco, numa quinta perto de Milão, quando discutiram questões filosóficas e religiosas antes de ocor-

rer a conversão de Agostinho ao cristianismo. Quanto à irmã, pouco se sabe, mas acredita-se que ela se tornou religiosa e governou um convento na cidade africana de Hipona, onde Agostinho foi eleito bispo. Mônica aparece nas *Confessiones* antes de tudo como o tipo ideal de mãe cristã que se preocupou não somente com o lado corporal, mas principalmente o espiritual: “educara os filhos, gerando-os de novo tantas vezes quantas os visse afastarem-se de Ti” (*Ibid.* IX, IX, 22). Durante a infância de suas crianças, porém, fora incapaz de garantir-lhes o batismo. Seu pesar foi grande quando Agostinho adoeceu e, em seu desespero, implorou a Patrício que permitisse a batizado do filho. O pai acabou concordando, mas, com a recuperação do rapaz, voltou atrás na sua promessa (*Ibid.* I, XI, 17). Apesar de Agostinho não ser batizado, teve uma educação religiosa e recebeu o sinal dos catecúmenos. Mesmo exterior a ele, a religião de Mônica permaneceu constantemente presente na sua busca interior. A ansiedade desta mãe concentrava-se justamente em seu filho mais velho.

A preocupação de Patrício diferia em natureza daquela de Mônica. Enquanto esta temia pela alma do filho, o pai valorizava o aspecto mundano da vida. Esta oposição ficou evidenciada nas diferentes reações de cada um diante da constatação da virilidade de seu filho adolescente. Patrício manifestou alegria e orgulho pela perspectiva de netos (*Ibid.* II, III, 6). Mônica demonstrou inquietação e insistia ainda mais com Agostinho sobre o dever de não cometer adultério e manter a castidade (*Ibid.* II, III, 7). Este considerou, na época, o conselho materno como próprio de uma mulher. Constata-se contudo certa censura de Agostinho aos pais pela liberdade que lhe deram. Nem Mônica escapa da crítica, por ter sido incapaz de cortar pela raiz o apetite sexual do filho encaminhando-o ao casamento (*Ibid.* II, III, 8). Assim como Patrício, ela receava que o vínculo matrimonial prejudicasse seu futuro nos estudos. Este foi um dos poucos pontos em que os dois chegaram a uma mesma conclusão, apesar de serem motivados por diferentes perspectivas. Patrício era um pequeno proprietário de parques recursos, porém tinha bom nascimento e, por isso mesmo, portava-se com altivez. Em tal situação, uma educação clássica era uma das raras vias de ascensão social ao permitir seguir uma carreira administrativa. Isto explica os esforços feitos pela família para assegurar a Agostinho esta educação vital. Mônica considerava os estudos de seu filho de uma maneira distinta da de Patrício, pois, despindo-se das ambições de seu esposo, encarava a cultura tradicional, ainda que pagã, como útil na aproximação a Deus, não causando portanto nenhum dano (*Ibid.* II, III, 8).

Nota-se o profundo contraste entre a figura de Patrício e a de Mônica e, mais ainda, a diferente atitude de Agostinho para com cada um. O

autor mostra-se lacônico e frio ao referir-se ao pai, criticando-o por seus péssimos hábitos e mau gênio. A sua morte não o tocou tanto quanto a perda de um amigo (*Ibid.* IV, IV-VIII), nem se comparou à dor sentida quando do falecimento da mãe (*Ibid.* IX, VIII; IX, XII-XIII), apenas mencionou-a rapidamente (*Ibid.* III, IV, 7). Patrício orgulhava-se da virilidade do filho e sacrificava-se para lhe dar uma melhor educação. Estes aspectos contudo foram minimizados, o primeiro pela concupiscência e o outro pela ambição que se encontravam por detrás destas ações. Pode-se entretanto dizer que, de certa forma, Agostinho herdou, tanto de Patrício como de Mônica, a qualidade da determinação. No pai, ela estava presente nos seus esforços em oferecer uma educação clássica ao filho (*Ibid.* II, III, 5), enquanto que, na mãe, notava-se pela perseverança em converter seu marido e seu filho ao cristianismo. Este caráter pode ser sentido em Agostinho na maneira com que o bispo de Hipona atacou os heréticos e defendeu a ortodoxia.

A juventude de Agostinho está dominada pela imperiosa presença da mãe. O próprio autor expressa bem o amor abusivo de Mônica: “*como acontece com todas as mães, queria conservar-me a seu lado, porém muito mais que o normal (...)*” (*Ibid.* V; VIII, 15). Metade de sua vida foi marcada por tal dedicação, levando-a a imortalizá-la como um modelo vivo da “*mãe, forte na piedade*” (*Ibid.* VI, I, 1) por sua dolorosa e corajosa figura. Por outro lado, sua atitude filial, apesar de situar-se num nível inferior ao sentimento que a mãe lhe nutria, também foi significativa:

“acariciando-me por lhe ter prestado algum serviço, me chamava de bom filho e recordava com afeto que nunca a minha boca tinha proferida contra ela nem sequer uma palavra dura ou ofensiva. No entanto, ó Deus, criador nosso, que comparação podia haver entre a solicitude que eu lhe tributava e a servidão que ela suportou por mim?” (*Ibid.* IX, XII, 30)

Em Cartago, aos 19 anos, Agostinho adotara o maniqueísmo, acarretando profundo desgosto em sua mãe (*Ibid.* II, XI, 19). Quando de seu retorno a casa, ele expôs certas proposições heréticas que acabaram por fazer com que ela o expulsasse de casa. No seu desespero, recorreu à ajuda de um bispo na esperança de que este conseguisse convencê-lo a abandonar o maniqueísmo. O religioso, vendo sua dor manifesta em lágrimas, consolou-a: “*Vá e viva em paz, pois é impossível que possa perecer um filho de tantas lágrimas*” (*Ibid.* III, XII, 21). Mônica voltou atrás em sua decisão de expulsá-lo devido a uma estranha visão (*Ibid.* III, XI, 19-20). O misticismo de Mônica foi relatado nesta ocasião como um prenúncio do

destino do filho e, em outra, quando da contemplação em Óstia (*Ibid.* IX, X, 24-25) como um prenúncio de sua morte, visto já ter cumprido sua missão nesta vida terrena, a conversão do filho. Mônica possuía um instinto absolutamente seguro que lhe permitia identificar “a diferença entre aquilo que [Deus] lhe revelava e os sonhos de sua imaginação” (*Ibid.* VI, XIII, 23). Este dom materno foi considerado pelo filho como uma prova de que ela era um instrumento divino na salvação de sua alma; idealizou-a como um oráculo de Deus. Mas, até Agostinho alcançar o seu destino, o caminho foi árduo para a mãe. Com a idade de 28 anos, o filho, consciente de seu valor como professor e procurando alunos mais disciplinados, preferiu enganá-la embarcando furtivamente para Roma (*Ibid.* V, VIII, 14-15). Ela se opunha fortemente aos planos do filho e, ao constatar seu insucesso, verteu novamente copiosas lágrimas. Os tormentos e aflições sofridos por Mônica faziam parte de sua “herança de Eva, pois procurava na dor aquele que na dor tinha dado à luz” (*Ibid.* V, VIII, 15). Cabia à mãe conformar-se com seu destino de mulher: o sofrimento como castigo divino devido à falta cometida por Eva.

O sentimento de culpa de Agostinho cristalizou-se numa grave doença que o acometeu assim que chegou à Roma (*Ibid.* V, IX, 16-17). Sua recuperação foi imputada às orações de Mônica que, mesmo desconhecendo a doença, orava por ele. Deus não permitiria que tal fé fosse frustrada com a morte de seu filho antes que ocorresse a conversão. Mônia sempre fora uma serva fiel de Deus, cumprindo suas obrigações religiosas com assiduidade e devoção, e merecendo portanto esta graça divina. Ela possuía plena confiança na realização das revelações que tivera sobre o filho.

Agostinho conseguiu o cargo de professor de retórica em Milão (*Ibid.* V, XIII, 23). Seduzido pelos sermões de Ambrósio (*Ibid.* V, XIII-XIV), bispo desta cidade, Agostinho tornou-se catecúmeno da Igreja Católica (*Ibid.* V, XIV, 25). Nesta época, Mônica chegou à cidade em busca do filho. A influência materna foi decisiva para aproximá-lo da Igreja (*Ibid.* VI, I, 10). Mônica serviu como verdadeiro elo vivo entre seu filho e a Igreja representada na figura de Ambrósio. Por ter conseguido derrubar os primeiros obstáculos à conversão de seu filho, Mônica possuía um sincera veneração pelo bispo de Milão e acatava suas decisões religiosas sem questionamentos, como por exemplo a proibição de refeições nas tumbas dos mártires (*Ibid.* VI, II, 2). Por sua vez, Ambrósio admirava a fé e a vida religiosa que Mônica observava.

A conversão definitiva de Agostinho era retardada pela sua recusa em se tornar um cristão “médio” por fazer concessões ao desejo carnal

que o afastava do ideal monástico, considerado única forma de alcançar a verdadeira e plena sabedoria. Agostinho manteve um relacionamento com uma concubina durante quinze anos, gerando seu único filho, Adeodato (*Ibid.* IV, II, 2). A condição social inferior de sua concubina impossibilitava a regularização de sua situação conjugal através do matrimônio. Pressionado pela mãe, Agostinho, mesmo amando fielmente a sua companheira, rompeu com a concubina, que retornou à África (*Ibid.* VI, XV, 25). Inquieta devido ao temperamento “ardente” de seu filho, Mônica planejou um casamento cristão que implicasse no batismo do filho. Arranjou-lhe uma noiva, porém, ainda faltavam dois anos para esta completar a idade núbil. Isto induz a pensar que Mônica pretendia que o filho ficasse casto durante este período. Agostinho, entretanto, encontrou uma nova amante (*Ibid.* VI, XV, 25). Apesar disto, a mãe, com sua intromissão, conseguiu um resultado inesperado e além do desejado: após um período de hesitação (*Ibid.* VIII, V; VIII, VIII-XI), Agostinho optou pelo celibato. Mandouze (1968, p. 181) resumiu o papel de Mônica nesta situação:

“é fato que ela [Mônica] aparece ao longo das Confessiones como o tipo mesmo de mãe muito amante e muito amada que, abusiva sem o saber, trabalhou para a santificação de seu filho na medida em que sua embaraçadora inépcia contribuiu para excitar em Agostinho o instinto de defesa e o fez esquivar ou repelir as iniciativas e desejos maternos até a hora em que ele adquiriu a certeza que ninguém, exceto Deus, podia resolver o problema de sua vida.”

Mãe, filhos (Agostinho e Navígio) e neto (Adeodato), juntamente com alguns amigos, passaram uns meses de verdadeira paz em Cassiciaco até pouco depois do batizado do grupo na Páscoa de 387 (*Ibid.* IX, VI, 14). A companhia de Mônica era muito apreciada: “*de aspecto feminino e fê varonil, com a serenidade da velhice, ternura materna e sólida piedade cristã*” (*Ibid.* IX, IV, 8). Ela não se limitava apenas a cuidar dos filhos e do neto, mas velava igualmente pelo bem-estar de todos: “*ela cuidou de todos, como se nos tivesse gerado a todos, servindo a todos nós, como se fosse filha de cada um*” (*Ibid.* IX, IX, 22).

Quando estavam voltando para a África, Mônica faleceu. Seu último pedido foi que rezassem por ela, não se preocupando mais em ser enterrada junto ao marido (*Ibid.* IX, XI, 27). Nas *Confessiones* (IX, XIII, 34-37), Agostinho deixou registrada a oração pela mãe pedindo que Deus lhe perdoasse os pecados que por acaso tivesse cometido, visto que sua vida fora exemplo de retidão como cristã: “*Sei que ela [Mônica] agiu*

sempre com misericórdia e que perdoou de coração as faltas contra ela cometidas [certamente do marido]. Perdoa-lhe também as suas faltas, se alguma cometeu em tantos anos de vida depois do batismo.” (Ibid. IX, XIII, 35)

3. Mônica: cristã

Diferentemente do prisma adotado nas *Confessiones*, em que se destaca o papel familiar de Mônica, nos Diálogos, Agostinho colocou em evidência uma outra perspectiva. Mônica foi vista em seu valor individual, isto é, por si mesma. Contudo, isto não a excluiu do cumprimento de seus afazeres domésticos (*De Beata Vita* I, XVI) e de sua constante vigilância sobre os integrantes da experiência comunitária de Cassiciaco (*De Ordine* I, VIII, 22). Agostinho, ao mesmo tempo que “ordenou” a participação de sua mãe nos colóquios, punha como condição a conclusão de suas ocupações domésticas (*Ibid.* II, I, 1).

Os Diálogos foram escritos após a conversão de Agostinho, em 386, e corresponderam a uma fase de formação e consolidação de sua fé no plano filosófico e religioso. Resultaram de uma série de discussões de caráter propedêutico ao batismo entre o grupo de amigos e discípulos. Deste conjunto de obras escolheu-se destacar neste artigo, *De Ordine* (386), por apresentar a participação de Mônica nos debates.

A superioridade que Agostinho reconhecia em Mônica não é a de uma dona de casa, nem mesmo a de uma mãe: tratava-se principalmente de uma superioridade de ordem espiritual. Respondendo a uma questão maliciosa de Mônica sobre o papel das mulheres nas discussões filosóficas (*Ibid.* I, XI, 31), Agostinho fez uma inflamada defesa da perfeita adequação de sua mãe a este tipo de especulação, visto a filosofia ser entendida como amor à sabedoria e, por isso mesmo, perfeitamente passível de ser apreendida e praticada por Mônica (*Ibid.* I, XI, 32). Segundo seu filho, o amor de Mônica pela sabedoria era tão profundo que se comparava em intensidade àquele que ela sentia por ele como mãe. Ela chegara, pois, a um estágio em que nenhuma desgraça nem o terror da morte a comovia, posicionando-a assim no mais alto degrau da filosofia. Esta situação configurava-se como um motivo para Agostinho tornar-se discípulo de sua escola, ou seja, o cristianismo (*Ibid.* I, IX, 32). O autor procurava então reafirmar sua recente opção religiosa e o exemplo de Mônica apresentava-se como uma prova concreta da correção desta escolha. Agostinho evidenciava em Mônica uma alma cuja atenção estava perfeitamente fixada em Deus, o que dava às suas intervenções e intuições um caráter de plena

pertinência e confiabilidade em matéria de assuntos espirituais (*Ibid.* II, I, 1). Eram irrefutáveis sua aptidão para a filosofia e o seu ânimo ardente para questões divinas. Nada mais natural que Agostinho bem acolhesse as opiniões da mãe e lhe pedisse orações que o ajudassem na sua investigação da verdade, devido a sua ligação com Deus que lhe conferia eficácia no seu atendimento (*Ibid.* II, XX, 52).

A cultura religiosa se adaptava, pois, muito bem à alma da mulher, na medida em que exigia essencialmente a fé, relegando o uso da razão. Reafirmava-se o senso comum de que, na mulher, predominam o coração, os sentimentos e as emoções, dando-lhe um sexto sentido, comumente denominado de intuição feminina, e favorecendo-a nas experiências religiosas. Em contraposição, o homem possui um caráter eminentemente racional, voltado para o lado material, prático e concreto da vida. A necessidade de racionalização do homem exemplifica-se no próprio conflito vivido por Agostinho, que procurava encontrar argumentos racionais que sedimentassem a sua fé, enquanto que para Mônica era natural e inquestionável a fé, não se colocando qualquer obstáculo para sua aceitação. A tranqüilidade e a certeza espiritual de Mônica contrastavam com a inquietação e a constante busca de Agostinho.

Mesmo o reconhecimento desta superioridade de Mônica por parte de Agostinho era considerado por ela como resultante da afeição filial (*Ibid.* I, XI, 33). Criada em uma sociedade patriarcal, Mônica apenas reproduzia o comportamento de sua época. Não deixava, portanto, de manter sua posição humilde e modesta frente à constatação de suas qualidades por um homem. Era mais uma atitude tipicamente feminina, ou, como o próprio autor expressa, “*acariciante e religiosa*” (*Ibid.* I, XI, 33).

Conclusão

A construção de um ideal feminino origina-se na necessidade de se apontar parâmetros que regulem a conduta social. A par das transformações na condição da mulher na sociedade contemporânea, em setores conservadores, subsistem ainda valores expressos por Agostinho ao referir-se a Mônica. Pela análise das duas obras agostinianas, *Confessiones* e *De Ordine*, apreendeu-se o ideal de filha, de esposa, de nora e de mãe, condizente com a perspectiva cristã, tomando como paradigma a vida de Mônica. Esta imagem estava calcada na posição submissa da mulher em relação ao homem, seja ele pai, marido ou filho. No caso específico, Mônica ganhou seu valor religioso, ou melhor dizendo, sua santidade, justamente em vista destas funções, tipicamente femininas na visão de uma sociedade

patriarcal. Ressaltaram-se, pois, suas paciência e piedade cristãs visando à manutenção da harmonia familiar. Agostinho salienta na vida de Mônica o aspecto moral e o religioso de sua personalidade e demonstra a possibilidade de domínio da mulher no campo religioso, ao caracterizar a alma feminina como mais constante na sua lealdade e mais firme na sua fé. Por isso, embora fisicamente débil, a mulher pode neste ponto mostrar-se superior ao homem e mais conservadora do ideário moral, servindo então como verdadeira guardiã do lar e modeladora do caráter de uma sociedade, devido à sua função educadora como mãe e esposa. Na devoção a Mônica, transparecem de imediato estas qualidades, exemplificadas na existência de uma associação de caráter mundial congregando mães cristãs sob seu patrocínio cuja atuação restringe-se à prece mútua pelos maridos e filhos desviados. A preocupação com a família passou para um plano mais importante, relegando a individualidade feminina a uma posição secundária, quando não inexistente.

As figuras de Agostinho e Mônica passaram à história como algo indivisível. A presença marcante de Mônica na vida de Agostinho pode ser interpretada como uma exaltação à mãe, paradigma do comportamento feminino cristão, e como uma forma de denunciar um amor materno opressivo. Mesmo os restos mortais de Mônica acabaram sendo depositados numa capela à esquerda do altar-mor na igreja construída em honra à Agostinho em Roma. O seu epitáfio vem apenas confirmar esta situação:

“Aqui depositou suas cinzas tua mãe casta,
Segunda sombra de teu mérito, Agostinho;
Tu que, assegurando os direitos celestes da paz por teu sacerdócio,
Instruíste nos costumes os povos a ti confiados.
Uma glória maior que a celebridade dos belos feitos vos coroa,
A glória das virtudes, ó mãe, ó filho mui venturoso.”

Documentação

AUGUSTINUS, Aurelius. *Confissões*. trad. M^a L. J. Amarante. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

_____. *A Cidade de Deus (contra os pagãos)*. trad. O. P. Leme. 2. ed. pte. 1-2. Petrópolis-São Paulo: Vozes-Federação Agostiniana Brasileira, 1990.

- AUGUSTINUS, Aurelius. *De Beata Vita; De Ordine*. trad. V. Capanaga. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1948. (Col. Obras Completas de San Agustín, 1)
- _____. *De bono coniugali*. trad. F. García, L. Cilleruelo, R. Florez. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1954. (Col. Obras Completas de San Agustín, 12).

Bibliografía

- ACTAS DE LAS V JORNADAS DE INVESTIGACIÓN INTERDISCIPLINARIA. *La mujer en el mundo antiguo*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid: 1986.
- ANDRÉ DELASTRE, Louise. *Saint Monique; mère de Saint Augustin*. Lyon: Sud-Est, 1960. (Coll. Saintes Mères et Mères de Saints)
- ARIÈS, Philippe, DUBY, Georges (org.). *Historia de la vida privada. v. 1: Del Imperio Romano al año 1000*. 2. ed. trad. F. Pérez Gutiérrez, Javier Arce. Madrid: Taurus, 1988.
- ARIÈS, Philippe, BÉJIN, André (org.). *Sexualidades ocidentais*. trad. L. A. Watanabe, T. C. F. Stummer. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard, 1973.
- BOGAUD, Louis-Victor-Émile. *Santa Mônica*. 2. ed. Salvador: Mensageiro da Fé, 1954.
- BROWN, Peter. *La vie de Saint Augustin*. Paris: Seuil, 1971.
- BROWN, Peter. *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- CATHOLIC DICTIONARY. New York: MacMillan, 1944.
- CATHOLIC ENCYCLOPEDIA, THE. v. 10. New York: The Gilmary Society, 1913.
- CATHOLIC ENCYCLOPEDIA DICTIONARY, THE. New York: The Gilmary Society, 1929.
- ENCICLOPEDIA CATTOLICA. v. 8. Firenze: G. C. Sansoni, 1952.
- GRIMAL, Pierre (org.). *Histoire mondiale de la femme. v. 1*. Paris: Nouvelle Librairie de France, 1965.

- LARRABE, José Luis. *El matrimonio cristiano y la familia*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1986. (Col. Historia Salutis — Serie Monográfica de Teología Dogmática)
- LARRÍNAGA, Manuel. *Mónica de Tagaste*. Madrid: PPC, 1986.
- MANDOUZE, André. *Saint Augustin; l'aventure de la raison et la grâce*. Paris: Études Augustiniennes, 1968.
- POMEROY, Sarah B. *Diosas, ramerías, esposas y esclavas; mujeres en la antigüedad clásica*. Madrid: Akal, 1987.
- SOCIÉTÉ JEAN BODIN. *Récueils de la Société Jean Bodin. v. 11: La femme*. Bruxelles: Librairie Encyclopedique, 1959.